

'País deve aproveitar o recuo'

RIO
AGÊNCIA ESTADO

o economista Antonio Barros de Castro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, propôs ontem, no Rio, que o Brasil aproveite o recuo dos bancos credores — que se manifestou inclusive no aumento das reservas do Citicorp — para abrir uma estratégia de mercado na negociação da dívida externa. Segundo ele, essa estratégia deve basear-se no reconhecimento, pelo mercado financeiro internacional, de que a dívida brasileira já vale 35% a menos do que a original, a partir do deságio verificado sobre os títulos relativos ao débito brasileiro.

"O recuo dos bancos abre uma

grande oportunidade para o Brasil", disse Barros de Castro, em palestra na Casa do Economista. "Se os títulos estão valendo 65 cents para cada dólar de dívida, então 35 cents já não existem. E isso foi imposto não por nós, mas pelo mercado. E esse o reconhecimento de que devemos propor", acrescentou.

O economista assinalou que esse "calote do terço" pode ter efeitos benéficos para o País, inclusive no que se refere à sua capacidade de pagamento e de articulação com o mercado financeiro internacional. Deste modo, segundo ele, o País terá maior capacidade de pagar do que a importância que efetivamente precisa pagar, ficando em condições de se be-

neficiar dos recursos do fundo internacional proposto pelo Japão.

O economista Paulo Nogueira Batista Jr., ex-assessor do ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, para a negociação da dívida externa, afirmou no debate, que "a moratória veio tarde demais". Depois de fazer um histórico da articulação da proposta de moratória — que caracterizou como um meio-termo entre as teses mais radicais e "a subserviência a que as elites brasileiras estão acostumadas" — Nogueira Batista assinalou que a ela surgiu um momento de desgaste político do governo. Acrescentou, ainda, que a medida não era aceita pelo ex-presidente do Banco Central, Fernão Bracher.